

## 30 anos de silêncio

2005 está sendo rico em expiações coletivas. Na semana passada a Europa pranteou o 10º aniversário do massacre de Srebrenica, na Bósnia. Dias antes, o Live 8 remasterizou o lamento pela fome na África. Em maio foi o mundo todo que se engalanou para os 60 anos do fim da 2ª Guerra Mundial. E em abril os 30 anos de término da Guerra do Vietnã puderam ser comemorados por toda uma geração.

Por que então ninguém chora ou canta pelo Camboja, que este ano também teria efeméride redonda para se fazer lembrar? Faz 30 anos que a história milenar do povo Khmer foi interrompida por uma utopia de laboratório. Idealizada por um núcleo de visionários totalitários, durou três longos anos, oito meses e vinte dias. Encabeçado por Pol Pot, o tirano que comandava das sombras, o experimento foi executado por hordas de jovens militantes impregnados de uma força invencível: a da insanidade.

Trinta anos atrás, a comunidade internacional assistiu em silêncio à metódica eliminação do modo de vida dessa nação de 7 milhões de habitantes. Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, entre outros expoentes da civilização ocidental, compactuaram com os interesses da China emergente dos anos 70 e permitiram que a máquina de desumanização do Camboja vingasse. A exumação dessa página da história não edifica ninguém. Mas é impossível percorrer o Camboja de hoje sem registrar a melancólica incompreensão de um povo com o seu próprio destino. Ela está encapsulada numa indagação sem resposta: "Por que nós não contamos? Por que ninguém fez nada?"

"Não posso falar sobre o período porque não o entendo. Simplesmente não o entendo", diz o septuagenário Son, sobrevivente dos tempos do horror. A constatação do plantador de arroz cuja vida sempre escoou li mansa às margens do Mekong até ser varrida pelo ideário do Khmer Vermelho é mais profunda do que parece. O escritor britânico Philip Short, que acaba de publicar a primeira biografia de fôlego sobre o líder da revolução cambojana, chega a conclusão semelhante, só que em 672 páginas. Pol Pot, Anatomia de um Pesadelo também não consegue explicar o inexplicável.

Foi numa manhã de 1971 que o etnógrafo francês François Bizot teve sua Land Rover interceptada na rota de Oudong, a antiga capital dos reis do Camboja. Foi cercado por um bando de jovens vestidos de preto, algemado e levado de olhos vendados para um campo da morte na floresta, onde permaneceu acorrentado a um tronco de árvore durante três meses.

Casado com uma cambojana e falando fluentemente o idioma do país, Bizot foi o primeiro ocidental a ver de perto a insânia que se abateria sobre o Camboja quatro anos mais tarde. Acusado de ser espião da CIA, foi, também, a única pessoa interrogada por Kank Kek leu, mais conhecido como Camarada Deuch, a ter sobrevivido. Deuch se tornaria famoso como diretor do principal centro de interrogatório e extermínio do Khmer Vermelho, em Phnom Penh.

"Durante três meses vi o abominável espriar-se à minha volta", escreveu o etnógrafo no perturbador relato de seu cativo (por ironia do destino, quando o Khmer Vermelho assumiu o poder, Bizot desempenhou papel crucial junto a Deuch para que mais de mil ocidentais refugiados na Embaixada da França escapassem da morte e saíssem do país). Intitulado O Portal, com prefácio de John Lê Carré, o livro detalha o caso de uma menina de 9 anos trazida para o cativo na floresta após a execução do pai. Ela não falava, não comia sua ração de arroz, não saía do seu terror exceto para assistir às sessões diárias de doutrinação obrigatório. Bizot afeioou-se à pequena órfã que tinha a idade de sua filha e, apesar de acorrentado, conseguiu estabelecer uma comunicação gestual afetiva com a menina.

Para o francês, era uma forma de se sentir humano enquanto sobrevivia como animal. Certa noite, foi acordado por um toque macio em sua canela latejante e

já macerada pelas correntes. Era a esquelética mão da menina. Imaginou que ela tivesse vindo aliviar sua dor. Percebeu, com horror, que ela viera testar a eficácia do aprisionamento. Olhando-o fixamente nos olhos, chamou um dos guardas do campo e mostrou que ainda havia uma pequena folga. A corrente foi apertada. Nascia, ali, mais uma criatura da utopia de Pol Pot.

E Bizot passou a achar verossímil o relato que ouvira do camponês Thep, seu companheiro de cativo. Thep contara ter presenciado a execução pública, a golpes de enxada na nuca, de três famílias do vilarejo em que morava por terem se recusado a ceder os filhos homens à causa de Angkor. Ao todo, 19 pessoas. Cinco eram bebês. Estes ficaram por último, a cargo de um menino de 14 anos com poucos meses de doutrinação. Ao ver sua hesitação, um instrutor lhe passou as mãos pelos ombros e soprou-lhe algo no ouvido. Um a um os bebês foram agarrados pelos pés e arremessados contra o tronco de uma árvore - uma, duas, três vezes.

Entre o "Ano Zero" (1975) do que seria a construção de um novo povo até a derrocada do Khmer Vermelho (1979) por tropas invasoras do vizinho Vietnã, Pol Pot tinha abolido dinheiro, religião, propriedade, escolas, individualidade e família da vida cambojana. A partir dos 7 anos de idade, toda criança passou a pertencer a Angkar, a Organização.

E todas as cidades e vilas do país deveriam ser imediatamente esvaziadas para que o contaminado modo de vida urbano pudesse ser erradicado para sempre.

Foi na própria manhã da tomada de Phnom Penh pela guerrilha do Khmer Vermelho, enxotando uma ditadura militar corrupta e impopular, que a máquina do experimento humano começou a funcionar. Em pouco tempo, toda uma população de 7 milhões de pessoas teve suas raízes arrancadas e foi colocada em marcha. Sem saber para onde, nem por que, ou até quando.

No terceiro dia de existência do novo regime a população de Phnom Penh já tinha encolhido de 2 milhões para 20 mil pessoas. E quando a outrora frondosa capital foi finalmente libertada restavam apenas 70 almas. Pelas contas do atual primeiro-ministro, Han Sen, e do secretário de Turismo, Thong Khon - ambos integrantes da Frente de Salvação que herdou as ruínas do Khmer Vermelho -, somente 43 médicos qualificados, 7 advogados e 1.005 estudantes e intelectuais cambojanos sobreviveram à era Pol Pot.

Pin Yathay tinha 17 anos quando recebeu o Prêmio Nacional de Matemática das mãos da rainha-mãe Kossamak, em 1960. No dia da chegada do Khmer Vermelho à capital, em 1975, estava casado, tinha três filhos pequenos e carreira promissora de engenheiro. Estranhou, mas se dobrou à ordem de reunir a família e abandonar a cidade. Vale fazer uma pausa para imaginar o tumulto emocional de uma decisão dessa magnitude.

Como assim, largar tudo? O que fazer para ganhar tempo? O que os vizinhos estão levando de essencial? O que deixar para trás? Como não alarmar as crianças? Tenta-se buscar os pais ou avós e partir juntos? O que esconder até a volta? Os dilemas que brotavam eram todos de utilidade prática e imediata, sem espaço para decifrar a real dimensão desse êxodo por decreto.

Yathay sobreviveu e produziu um dos testemunhos mais aterradores sobre o processo de aniquilamento da vontade humana promovido pelo regime de Pol Pot. Foi um método eficaz, por etapas. As ordens eram repetidas em tom mecânico, não ameaçador, desprovidas de qualquer eco emocional. Conseguiram que a massa se pusesse em marcha de forma absurdamente silenciosa, quase ordeira, agarrada a uma informação que não fazia nexo: "Será uma retirada de apenas três dias. Precisamos purificar a cidade."

Nos primeiros dias de estrada o comboio de retirantes ainda se diferenciava pelo que cada um trazia como pertences essenciais - uns tinham vindo em

Citroëns abarrotadas de cortinas, sofás ou geladeiras, enquanto outros carregavam o pai doente nas costas, a pé. Mas em pouco tempo a procissão assumiria contornos de terrível uniformidade, fluindo como sangue de uma ferida aberta. Os exaustos, desesperados ou doentes iam ficando para trás, deixando passar a maré silenciosa. Vez por outra via-se algum suicida pendurado numa árvore. No nono dia do "Ano Zero" virtualmente toda a população urbana do país estava transplantada em zonas rurais. Catalogados como "homens novos" em contraposição ao "povo antigo", o idealizado camponês sem instrução, os deportados iniciariam ali seu brutal processo de purificação ideológica. Começou assim uma revolução de profundidade jamais alcançada, que misturou uma bizarra noção de justiça social com o desejo de reviver a glória nacionalista do antigo império de Angkor.

O engenheiro Yathay conta que trabalhava a terra ou abria clareiras absurdas na floresta 20 horas por dia para poder se tornar logo um "cidadão antigo" e retornar com a família para Phnom Penh. "Nós nos iludíamos ensando que, decorrido o tempo de penitência necessário, seríamos mandados de volta para reconstruir o país. Afinal, após tantos anos de guerra e desestabilização social, o Camboja certamente precisaria de todos os seus engenheiros e professores. Queríamos acreditar. Era o escapismo da esperança."

Ela foi sendo enterrada junto com os primeiros mortos. Metodicamente, para aprofundar a perda de parâmetros, os sobreviventes recebiam ordens de novo deslocamento, enveredando para regiões do país cada vez mais inóspitas. No caso de Yathay, a sentença final lhe foi comunicada ao chegar a uma mata virgem que deveria ser derrubada para a construção de cabanas: ficariam ali para sempre. Seria a floresta dos mortos, um dos tantos Killing Fields retratados no filme seminal de Rolland Jaffé.

Começava a derradeira etapa da purificação através da sobrevivência dos mais fortes. Na prática, o extermínio através da diminuição progressiva de ração diária e aumento do trabalho forçado. "No novo Kampuchea (nome antigo do reino cambojano) só precisamos de 1 milhão de pessoas para continuar a revolução. Não precisamos do resto", dizia um dos editais, o que explica o desprezo do Khmer Vermelho por prisões, consideradas uma forma decadente e capitalista de desperdiçar recursos. Execuções atendiam melhor ao plano. Até mesmo o notório S-21 de Phnom Penh, a central de torturas do novo regime, operou essencialmente como máquina de arrancar confissões.

Yathay lembra quando o último semblante de humanidade foi enterrado e os seres ainda vivos passaram a viver sua própria destruição. Tinha sido chamado por um guarda do Khmer para enterrar um cadáver da cabana ao lado. Conhecia as moradoras: uma professora com filha de 4 anos, e a irmã. Mãe e filha estavam sentadas em silêncio diante de um corpo totalmente embrulhado com farrapos, como múmia, exceto pela cabeça exposta. Achou estranho, mas há tempos se habituara a não fazer perguntas. No dia seguinte, a história correria pelo campo: a professora comera a carne da irmã morta e fora flagrada com um pedaço cozinhando no fogo. A irmã-múmia estava descarnada. "Morremos. O desejo de viver morreu antes dos nossos corpos", escreveu Yathay, que tem dois filhos, a mulher, os pais, cunhados e sobrinhos enterrados nos campos da morte.

Ele sobreviveu, a utopia de Pol Pot não.

Como todo poder absoluto, o Khmer Vermelho foi corrompido de forma também absoluta. Tendo a repressão como única política possível e o colapso econômico como consequência lógica, foi contaminado por suspeitas intestinas. Vítima de sua própria armadilha, restou-lhe apenas matar e continuar matando. Primeiro os "Novos". Depois os "Antigos". Por fim, as próprias fileiras. Com o colapso da organização começaram os expurgos internos e Pol Pot foi substituído pelo Camarada Número 2. Morreu de forma obscura na mesma selva cambojana de onde emergira. Mas escapou de responder por seus crimes e só tardiamente a esquerda mundial se flagelou por tê-lo poupado de uma condenação em vida.

Até hoje, passados 30 anos, apenas dois expoentes da fracassada utopia estão presos: Ta Mok, mais conhecido como "açougueiro", e o Camarada Deuch, cérebro da central de tortura, interrogatório e execuções conhecida pela sigla S-21. Aguardam julgamento.

Foi somente no fim dos anos 90 que esse genocídio silencioso conseguiu merecer a atenção da ONU e ser qualificado como crime contra a humanidade. Um tribunal misto, composto por juristas internacionais e juízes do Camboja, deverá ser instalado em Phnom Penh para a condução dos trabalhos. Se é que algum dia haverá julgamento - não são poucos os ex-líderes mundiais e governos que prefeririam protelar para sempre a exumação de sua conivência com os campos da morte cambojanos.